



BALAIO DE

HISTÓRIAS

**ENTRE AS  
CAATINGAS  
E AS ÁGUAS:**

**EDUCOMUNICAÇÃO NO  
SERTÃO SÃO FRANCISCO**

# BALAIÃO DE HISTÓRIAS



**ENTRE AS  
CAATINGAS  
E AS ÁGUAS:**

**EDUCOMUNICAÇÃO NO  
SERTÃO SÃO FRANCISCO**

# FICHA TÉCNICA

## Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa)

### Diretoria

Haroldo Schistek – Presidente  
João Mendes de Sena – Vice Presidente  
Adilson Ribeiro dos Santos - Tesoureiro  
Refaisa – Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido - Secretária

### Conselho Fiscal

AMEFAS - Associação Comunitária Mantenedora da Escola Família Agrícola de Sobradinho  
Ednalva dos Santos  
Luís Araújo de Castro

### Coordenação Colegiada

Cícero Félix dos Santos – Coordenador Geral  
Nívea Solange Rocha da Silva – Coordenadora Administrativa  
Tiago Pereira da Costa – Coordenador Institucional

## Publicação

### Textos

Álvaro Luiz Alves da Silva  
Érica Daiane da Costa Silva  
Gisele Ferreira Ramos  
Karine Pereira da Silva

### Revisão

Conselho Editorial - Irpaa  
Projeto Bem Diverso

## Projeto Gráfico e Ilustrações

Imburanatec Design

### Fotografias

Acervo Irpaa  
Elizandra Martins  
Galeota das Artes  
William França

## Expediente Bem Diverso

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia - Coordenação Técnica // Anderson Sevilha // Enio Sosinski // PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Oficial de Programa // Luana Lopes // // Gerente de Projetos Saenandoah Dutra // Assessor Técnico Fernando Moretti // Assistentes e Auxiliares de Projeto Ana Cristina Barroso // Michelle Souza // // Norberto Pinto Filho // Comunicação Agência MOC

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F981e Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa)  
Balaio de Histórias entre as Caatingas e as Águas: Educomunicação no Sertão do São Francisco - Bahia, 2019. il. color.

Esta publicação é resultado das ações do Projeto Bem Diverso em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com recursos do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF).

ISBN: 978-85-88104-11-2 | **1. Educomunicação. 2. Semiárido Brasileiro. 3. Sertão do São Francisco I. Título**

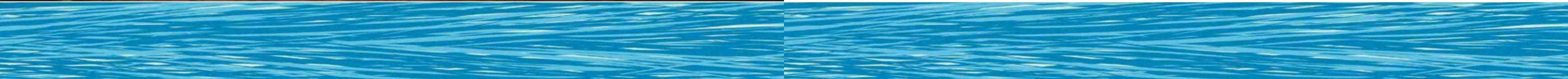
CDU 641-1.





# ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| <b>Apresentação</b>  | 6  |
| <b>Introdução</b>  | 8  |
| <b>Nas veredas da Caatinga, a Educomunicação - Jovens da Caatinga</b>                  | 12 |
| <b>Educomunicação, um lance que gruda - Carrapicho Virtual</b>                         | 20 |
| <b>Um berço de arte e cultura popular na beira do Velho Chico - Galeota Brincantes</b> | 29 |
| <b>Com vocês, um novo ato de contar histórias - Trupe Novo Ato</b>                     | 36 |
| <b>Comunicando também na periferia #SouPeriferia</b>                                   | 44 |
| <b>Chegamos</b>  | 51 |
| <b>Glossário</b>   | 54 |



# APRESENTAÇÃO



Vamos contar histórias? Histórias de quem transforma vidas, acolhe a vida em comunidade como missão? Histórias que engajam, lutam, fazem sorrir os outros e a si mesmo no ato de existir e resistir diante das adversidades, das desigualdades sociais? Então venha conosco conhecer essas raízes, que emergem em lugares e contextos comuns no Semiárido brasileiro. É com a missão de levar as histórias para mais pessoas que nós, o Irpaa e o Projeto Bem Diverso, nos lançamos no campo da documentação social, expondo ao mundo quem transforma vidas a partir do seu local de existência, do seu lugar de fala. Traze-mos aqui um balaio de histórias de resistência coletiva, que têm o Semiárido e as Caatingas como berço, como inspiração e a educomunicação como marcha.



Nas próximas páginas, você vai conhecer cinco de tantas dezenas de experiências de educomunicação que têm fincado suas raízes e ao mesmo tempo lançado voos no nosso Semiárido. São existências carregadas de sabedoria popular que revolucionam as próprias vivências. Do campo para a cidade e da cidade para o campo, as experiências se cruzam em um só caminho: o do engajamento social em busca do bem viver, tendo como premissa o direito à comunicação, à educação, à arte.

“Entre as Caatingas e as Águas: Educomunicação no Sertão do São Francisco” dá nome a esta publicação, trazendo à tona a história de existência dos coletivos/ grupos: Jovens da Caatinga, Carrapicho Virtual, Galeota Brincantes, Trupe Novo Ato e #SouPeriferia. Margeando as vidas ribeirinhas e de comunidades tradicionais, os relatos aqui presentes também nos revelam as potencialidades destes povos, que muitas vezes são ignorados, menosprezados, estereotipados.

Registrar a ação destes grupos tem também o propósito de evidenciar que narrativas vêm sendo (des)construídas no Semiárido e quem as faz, mostrando como elas mudam as formas de olhar, viver e contribuem para transformar o local em que vivem, marcando a existência do seu povo, do Semiárido, da Caatinga.

Que as próximas páginas possam lhe contar um pouco das histórias de quem vive e ilumina de vida e esperança esse nosso lugar. Preparem-se para embarcar em uma leitura leve, singela e marcante.

Boa viagem!

# INTRODUÇÃO



Entender a comunicação com um direito humano é o princípio para compreender a necessidade de democratizar a comunicação, um elemento chave para alcançar a democracia de uma sociedade. No entanto, por mais natural que pareça, comunicar-se ficou reservado ao ato individual entre seres, no máximo, entre grupos. Fica claro para os povos, ao buscarem transmitir informações para um maior número de pessoas, que esse é um privilégio dos grande grupos de mídia.

No Brasil, essa realidade de monopólio foi naturalizada e permite a padronização do pensamento de uma sociedade, negando a pluralidade de ideias. A nação é sufocada com padrões que não contextualizam e nem evidenciam o pluralismo de vozes e modos de vida existentes no país. Vemos reproduzido nos meios de comunicação, sobretudo, os sotaques, os costumes, os biotipos do Sudeste, onde ficam as sedes dos conglomerados



de mídia. Pouco ou quase nada vemos das demais regiões e por vezes o Nordeste, o Norte, o Centro Oeste e o Sul ainda saltam aos nossos olhos e ouvidos de forma caricaturada, carregada de preconceitos e equívocos. Ou seja, as regiões brasileiras e toda sua diversidade são colocadas no caldeirão da unificação de um país, que em nada é único, pelo contrário, é amplamente pluri.

Discutir estas questões no contexto do Semiárido brasileiro é também compreender as construções de estereótipos acerca do Nordeste, do sertão, do clima semiárido, dos biomas Caatinga e Cerrado, do seu povo, constatando o quão tem sido invisibilizadas as potencialidades da região. Essas concepções, disseminadas ao longo dos séculos pela literatura, música, cinema e meios de comunicação, deturpam, não só a realidade da região, mas a própria definição de políticas públicas, como perdurou desde o início da ocupação do sertão com as medidas somente combativas ao clima.

A história política do Semiárido, por sua vez, tem mostrado o quanto ações de combate às secas são falidas, que em nada contribuíram para o desenvolvimento da região. Em contraponto a esta lógica, surge o paradigma da Convivência com o Semiárido, anunciado pelos povos e pela sociedade civil organizada, a exemplo do Irpaa, Movimento de Organização Comunitária, dentre outras organizações, que constituíram a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Portanto, foi o povo que apontou para o Estado caminhos possíveis para



viabilizar o Semiárido, a partir da compreensão do próprio clima.

Nessa caminhada, a comunicação e a educação popular foram formas de resistência do povo ao contrapor essa narrativa de combate ao clima, questionando o estereótipo e anunciando para o mundo um Semiárido que é muito mais que clima, é cultura, resistência, fortaleza, sabedoria popular, pertencimento, ciência, diversidade e empoderamento.

Então, mais do que compreender a comunicação como um direito, é preciso entender que o direito à comunicação antecede os demais. Como requerer o direito à terra, água, moradia, educação, sem ter a liberdade e as condições de comunicar? Infelizmente essa compreensão ainda é restrita a uma parcela da população e será necessário um movimento de massa para alardear para os quatro cantos do país esse direito, que além de negado, é invisibilizado.

Ao compormos o disputado cenário de incidência política, hoje apostamos no campo da educomunicação, que nada mais é do que uma relação mútua entre educação e comunicação, formando sujeitos críticos e ativos no exercício de uma cidadania que busca transformar para melhor a sociedade. A educomunicação promove uma visão crítica da educação e da comunicação hegemônica, ao mesmo tempo em que desperta nas pessoas as diversas possibilidades de produzir conteúdos por meio de elementos como as novas tecnologias da comunicação, de informação e da arte, valorizando todos os saberes no campo do conhecimento formal ou não formal.

Assim, a educomunicação vem para ampliar as perspectivas dessa inserção social das vozes de jovens, crianças, mulheres e homens das periferias da cidade e do campo dessa região semiárida, antes silenciadas, ocultas ou à margem da sociedade. Falar do seu local, pensar a partir da própria realidade, intervir a partir das necessidades latentes e não impostas, são ações que emergem como um campo de produção e disseminação de saberes contextualizados, que incidem na elaboração de políticas públicas apropriadas.

No Território Sertão do São Francisco, o Irpaa e

diversas entidades interagem nessa compreensão da educomunicação como campo de intervenção social a partir do fortalecimento dos laços, identidades e autonomia dos povos, gerando imagens, sons, vozes e conhecimento. Esses elementos apontam um novo caminhar, protagonizado pelos/as sujeitos que vivem, convivem e bebem nas fontes da sabedoria da natureza, das ancestralidades dos povos originários, quilombolas, de Fundo de Pasto, pescadores/as, da ciência contextualizada, contribuindo para ampliar a visão de mundo.

Portanto, anunciar a Convivência com o Semiárido, considerando-a como um caminho essencial para o Bem Viver, é, também, dar voz aos seus principais atores, os povos, as comunidades, as organizações populares. A educomunicação contribui para ressignificar nosso lugar de fala, o Semiárido, que por séculos foi silenciado.

Propomos a você viajar conosco “Entre as Caatingas e as águas”, para conhecer experiências vivas de educomunicação no Sertão do São Francisco.

## NAS VEREDAS DA CAATINGA, A EDUCOMUNICAÇÃO Jovens da Caatinga



Para começar o nosso bate-papo é importante saber se você já conhece alguma experiência de educomunicação protagonizada por jovens de comunidades rurais. Pois bem, a partir da leitura destas breves páginas, convidamos você a abrir seu coração e sentidos para mergulhar na história de uma turma que está



descobrimo e experimentando fazer educomunicação nas comunidades recaatingueiras, no sertão da Bahia. Jovens entre 14 a 26 anos estão percebendo a importância de ter acesso a uma comunicação que viabilize as iniciativas e experiências políticas, sociais e culturais das suas comunidades.

Nossa viagem começou em 2018, quando o Irpaa firmou uma parceria com o projeto Bem Diverso com o objetivo de avaliar a metodologia do Recaatingamento e realizar formações em comunicação para jovens de comunidades recaatingueiras. Um grupo de jovens dos municípios de Curaçá, Canudos, Uauá, Juazeiro, Sobradinho, Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado, Sento Sé e Campo Alegre de Lourdes, no Território de Identidade Sertão São Francisco, aceitou o desafio de formar uma rede de jovens comunicadoras e comunicadores populares destas comunidades.

E vejam que bacana! A abelha da educomunicação que polinizou as comunidades recaatingueiras do Território de Identidade Sertão do São Francisco foi além e alcançou a comunidade quilombola Lages dos Negros, no município de Campo Formoso, que integra o Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru. A juventude quilombola já vinha dando os primeiros passos no campo da educomunicação e aí chegaram para contribuir com a luta.

Instigada a contribuir com a defesa da Caatinga e o modo tradicional de viver das suas comunidades, essa galerinha começou a participar das oficinas de comunicação do projeto Bem Diverso. A jovem Lairlane Oliveira, da comunidade de Bom Sucesso, mu-



nicípio de Sobradinho, enxergou no projeto a oportunidade de divulgar e fortalecer as ações comunitárias e o envolvimento da juventude na vida comunitária.

O seu desejo nas primeiras formações era “compreender melhor como divulgar as atividades realizadas na comunidade”. Hoje, essa motivação vai muito além, a jovem que tem uma participação atuante na comunidade, também acredita que a rede contribui para o protagonismo e valorização da juventude nas comunidades rurais e o bem viver no Semiárido. Enquanto Rede, “estamos sempre divulgando o potencial da Caatinga, do modo sustentável de viver aqui, nossas tradições”. O jovem Natanael Passos, da comunidade de Pedrinhas, município de Remanso, complementa que outra contribuição importante do projeto é fortalecer e ampliar a proposta do Recaatingamento nas comunidades.



O jovem acredita que o Recaatingamento pode transformar a realidade das comunidades rurais, assim como modificou a sua. “Tudo que aconteceu comigo, aconteceu depois que o Recaatingamento chegou (...), eu tive a oportunidade de ingressar na EFA (Escola Família Agrícola), de conhecer a pedagogia da alternância, conhecer a realidade da minha comunidade e não ter essa ideia de partir pra São Paulo, fazendo o êxodo rural. O Recaatingamento não mudou só meu pensamento, mudou minha comunidade e agora eu tô discutindo comunicação”, declara Natanael.

Para contribuir na defesa do Recaatingamento e demais ações de Convivência com o Semiárido, utilizando como estratégia o poder emancipatório e transformador da educomunicação, o grupo participou de cinco módulos de formação em comunicação e um intercâmbio para Fundação Casa Grande, no Ceará. Reunida, trocando conhecimento e saberes, a turma discutiu sobre Comunicação para Convivência com o Semiárido, produção de texto, rádio, audiovisual e redes sociais. Mas não ficou só no debate, a turma produziu jornal, vídeo e spots.

Recaatingamento, juventude, tecnologias sociais de captação e armazenamento de água de chuva, a história da comunidade, educação contextualizada foram algumas das temáticas dessas produções. “Quando eu cheguei na comunidade pra falar que a gente tinha feito um jornal pra falar da comunidade, o pessoal ficou tudo admirado (...), eu fiquei mesmo emocionada com todo mundo da comunidade dando os parabéns (...), é muito emocionante, eu gostei muito de saber que eu fiz e meus colegas também fizeram”, declara a jovem Rafaela Rocha, da comunidade de Melancia, município de Casa Nova.

Sugerimos a você, leitor e leitora, que fique à vontade para respirar fundo, pois nossa viagem ainda tem muito chão, cheia de depoimentos que demonstram orgulho.

O processo de realização das oficinas foi cheio de aventuras. O grupo enfrentou sol, calor, chuva, viu paisagens distintas e ao mesmo tempo semelhantes, tudo isso ao conhecer a comunidade de alguns/algumas companheiros e companheiras de jornada, pois a maioria das formações foi realizada de forma itinerante. Isso mesmo, as oficinas aconteceram nas comunidades rurais onde residem os/as jovens que compõem a rede Jovens da Caatinga.

ga. Essa galera mostra ser muito atenta e produtiva, embora muita gente por aí ainda reproduz o ditado que diz: “a juventude não quer nada”. Você acredita nisso?

A empolgação em compartilhar a experiência dessa turma é tão grande que acabamos esquecendo de contar um pouco sobre o processo de escolha do nome coletivo. Depois de algumas formações, o grupo fundou oficialmente a Rede de Comunicadores e Comunicadoras Jovens da Caatinga. Mas voltando para a história das oficinas itinerantes, esse foi mais um desafio que a galera abraçou junto com suas comunidades. E deu certo, viu?

As comunidades abriram literalmente as portas das suas casas para abrigar a turma durante dois ou três dias de atividades. Vivenciamos as chamadas hospedagens domiciliares ou solidárias, onde as famílias preparavam a alimentação, as/os jovens da comunidade organizavam o espaço do encontro, outros/as chegavam para participar da oficina. Era bonito de ver! Toda essa articulação na comunidade era realizada pelos/as próprios/as jovens, com suporte da equipe do Irpaa.

Para William Andrade, do Sítio Antônio de Josina, no município de Canudos, essa metodologia das oficinas fortaleceu ainda mais o papel do/da

jovem comunicador/a: “Isso que é ser jovem comunicador, você sair de uma comunidade e buscar informação na outra”. William ainda destaca como algo positivo e enriquecedor a interação entre os/as jovens da rede e os demais membros da comunidade.

Aumentar esse envolvimento da comunidade nas ações da Rede e despertar o interesse de mais jovens participarem é o desejo e o desafio apontado por Adailton Peixinho, da comunidade de Ouricuri, município de Uauá: “É preciso multiplicar essa

visão dentro da minha comunidade e das comunidades vizinhas, buscando envolver mais jovens que tenham o mesmo objetivo na valorização da comunidade, das suas ações, porque todas as comunidades precisam ser valorizadas e a juventude pode fazer isso”. Imagine então, leitor/a, mais jovens espalhando as riquezas, potencialidades, as lutas do Semiárido. Seria bonito demais!

Você que está viajando nessa experiência ficou curioso ou curiosa para conhecer as produções dessa juventude? Então, corre lá na página do





Facebook Jovens da Caatinga, deixe sua curtida, seu comentário e não se esqueça de compartilhar as publicações dessa galera. Já vou avisando que na página você vai encontrar uma diversidade de produção: vídeo, fotografia, texto e cobertura ao vivo de eventos realizados nas comunidades, cada lindeza que só vendo! Falando em produção, é importante deixar registrado aqui a contribuição dessa turma na divulgação de feiras da agricultura familiar. É bonito de ver esses/as jovens com celular na mão, transmitindo em tempo real a riqueza produzida por agricultores e agricultoras, sendo que em alguns casos a Rede foi o único veículo de comunicação a pautar a produção e comercialização de alimento bom, limpo e justo, valorizando a agricultura familiar e junto com ela, a cultura local.

Outra coisa linda de olhar é o empoderamento desses/as jovens compartilhando a experiência da Rede em eventos que pautam educomunicação e em outros espaços de debate. É a juventude dando e sendo a voz da comunidade, olhando para a educomunicação como uma estratégia de



transformação social, uma vez que essa experiência possibilita a esses meninos e meninas protagonizarem ações que valorizam seu território, a Caatinga, sua identidade enquanto jovem do campo, do Semiárido brasileiro. O engajamento dessa juventude vai permitindo a produção de conteúdo pautado na proposta da Convivência com o Semiárido, incluindo a defesa da permanência da/

do jovem no campo e o acesso a direitos historicamente negados.

Na trajetória da rede Jovens da Caatinga é perceptível a vontade em manter ativa a experiência. Porém, alguns desafios são apontados pelo coletivo: dificuldade de acesso à internet, distância geográfica entre municípios, geração de renda para juventude. Entre esses obstáculos, o principal é o acesso

à internet, deficiência que passa pela ausência de energia elétrica, inexistência ou ineficiência da cobertura das operadoras de telefonia e de distribuição de banda larga.

A jovem Lairlane afirma que “por ser jovem e morar na zona rural, é importante ser jovem comunicadora, isso de fato é comunicação (...) mas o meu principal desafio é a questão do acesso à internet na comunidade, que não é fácil; não temos”. A fala da jovem comprova a necessidade de lutar pelo direito à comunicação, que perpassa pela pauta da democratização do acesso à internet de qualidade no país, direitos que são violados, em especial à população do campo.

Mesmo diante deste cenário, a juventude ousa continuar lutando pela construção de uma comunicação e educação que instiguem a juventude e a comunidade a enxergarem a educomunicação e as diversas possibilidades de emancipação social. Nesse sentido, uma das estratégias da Rede é conhecer outras iniciativas da juventude no campo da comunicação. Uma dessas fontes de inspiração é o coletivo de educadores e educadoras Carrapicho Virtual. Aposto que você já ficou curioso ou curiosa para conhecer e/ou saber mais sobre esse coletivo. Então, continue a navegar conosco!

## Comunidades Recaatingueiras

São comunidades tradicionais de Fundo de Pasto com modo de vida e produção diretamente ligados ao manejo da Caatinga, que aceitaram o desafio de contribuir na preservação e conservação deste bioma a partir das ações de recuperação e preservação, uma ação intitulada de Recaa-tingamento. No Território Sertão de São Francisco, onze comunidades foram envolvidas diretamente nas atividades do Recaa-tingamento.

## EDUCOMUNICAÇÃO, UM LANCE QUE GRUDA **Carrapicho Virtual**



Ainda na diversidade do Território Sertão de São Francisco vamos caminhar pelas estradas de terras avermelhadas do Vale do Salitre, interior de Juazeiro - BA, para conhecer o coletivo de educomunicação Carrapicho Virtual, que reúne crianças, adolescentes e jovens de 10 a 23 anos de idade. Esse grupo é



presso comunitário. Na suas folhas estavam escritas as notícias do cotidiano do Vale do Salitre, região que carrega o nome de um afluente do Velho Chico. Com essa iniciativa, o Carrapicho foi semeando transformação no solo fértil do Salitre.

Aproveitando que estamos falando de terra, de fertilidade, você sabia que carrapicho é uma plan-

fruto do sonho e da pesquisa-ação na conclusão do curso de graduação em Comunicação Social, em 2010, da jornalista Érica Daiane da Costa Silva, que acredita na educomunicação como estratégia de formação de pessoas críticas e com poder de transformação social.

Em 2010, o Carrapicho nasce como um jornal im-

ta? É uma planta que se espalha pelo chão e tem um espinho seco que gruda na roupa, na pele e não solta com facilidade, chegando a incomodar. A mesma coisa acontece com o Carrapicho Virtual, quando gruda nas pessoas, já era... ele provoca, incomoda, mas isso tudo com a intenção de problematizar as questões ligadas ao Salitre, ao Semiárido.

Em 2015, a semente do Carrapicho fez brotar a segunda edição do informativo produzido por jo-

vens e adolescentes das comunidades de Alfavaca e Baraúna. A jovem Roseane Santos participou dessa edição e com alegria explica o motivo de ter iniciado sua trajetória no coletivo: “Ele de alguma forma ajuda a mudar o olhar das pessoas para nosso Salitre (...) mostra nossa realidade”.

Com o entusiasmo da juventude e o acesso à internet nas comunidades rurais do Vale do Salitre, em 2016, ao ser contemplado com o prêmio de Inovação Comunitária Outra Parada, da Brazil Foundation, nasce no Facebook a página do Carrapicho Virtual. Com a conquista desse prêmio, a juventude participou de oficinas de produção de vídeo,



**Neste sábado tem:**  
**Cinema Popular**

Onde: Tapera I  
(Oitão da casa de Nita)  
Hora: 19h

**Filme:**  
**Cine Holliúdy**

Leve seu assento!

fotografias, texto para o novo canal de comunicação do Salitre, o Carrapicho Virtual.

A jovem Eulina Pereira, da comunidade de Baraúna, destaca: “no início, eu não tinha motivação (para participar do Carrapicho Virtual), mas fui vendo a garra de Daiane, as inscrições do projeto sendo aceitas com sucesso”. É o reconhecimento e valorização da atuação do coletivo que até hoje mantém a juventude engajada no projeto e na vida comunitária. Eulina ainda destaca que o processo formativo adquirido no coletivo é um aprendizado para além da comunicação, modifica a forma de olhar da juventude. Em sintonia com Eulina, a também educadora Manuela Ferreira afirma: “Eu encontrei uma forma de me expressar ali (...) quando a gente começa a se interessar pela história do povo, quando você percebe que pode protagonizar a própria história, você entende que é essencial tá na luta”.

Essa transformação é vista no posicionamento das jovens em relação à conscientização social e política, construção identitária enquanto jovem rural, o discurso de pertencimento ao Vale do Salitre, região que tem um histórico rico de luta e cultura. “O Carrapicho Virtual é um coletivo de jovens que sempre está praticando e reconhecendo os valores que o nosso lugar tem (...) é ter o conhecimento da história, das culturas



do Salitre, sempre devemos valorizar e cuidar de toda a riqueza do Salitre”, diz a jovem educadora Arice Carine Ribeiro dos Santos, da comunidade de Sobrado. É com orgulho que ela diz que a juventude do Carrapicho vem contribuindo para valorização do Salitre.

Vou contar um segredo para você, leitor/a; quando Arice entrou no Carrapicho, era uma jovem tímida, curiosa, falava pouco e baixinho. Hoje é uma comunicadora ativa. Confira na página do Carrapicho uma produção dela, veja a segurança, o domínio dessa moça. Mas não fique só na produção dela, veja a diversidade de produção presente na página e lembre-se de curtir a página dessa turma. O crescimento não é uma exclusividade de Arice.

É bonito de ver a evolução da juventude do Carrapicho, a confiança como eles e elas ocupam seu lugar de fala. Mais bonito ainda é a percepção que eles e elas têm do seu papel enquanto agente de transformação social. “O que me motivou a fazer parte do Carrapicho Virtual foi ver os jovens que já participavam falando sobre juventude, sobre Salitre”, destaca Arice. Ao longo da caminhada, esses jovens vêm construindo o seu perfil de lideranças e animadores/as sociais.

Essa juventude fala do Salitre nas produções de

comunicação, no cinema popular, eventos culturais em todo canto do Semiárido. Além da página no Facebook, esse coletivo organiza sessões de cinema ao ar livre nas comunidades. Debaixo do céu estrelado do Semiárido, a turma projeta o filme na parede de igrejas, associações, escola ou em um telão improvisado com lona branca e, aos poucos, as pessoas da comunidade vão chegando com sua cadeira ou banco de madeira para assistir a uma produção cinematográfica brasileira escolhida pelo grupo.

Vale ressaltar que muitos salitreiros e salitreiras nunca foram ao cinema convencional. A proposta do coletivo é que após o filme, a comunidade participe de um bate-papo, iniciativa que ainda acontece de forma tímida, mas a juventude continua a insistir na proposta e dentro de um processo educativo, essa realidade pode ser modificada. Só para deixar registrado e você ter dimensão dessa iniciativa, já teve cinema popular que reunia mais de 100 pessoas. Imagina aí: jovens, crianças, adultos e idosos, todo mundo reunido no sábado à noite. Foi gente sentada até em moto e na caminhonete para assistir ao filme e, com esse gesto, demonstrar o apoio e a confiança da comunidade no trabalho dessa juventude.



Essa turma é tão arretada, que passou a organizar Reis de Boi e Samba de Véio. A galera trabalha na organização, na confecção das figuras, na divulgação e em todo o cerimonial do evento. Como é gostoso apreciar o envolvimento da juventude e o reconhecimento da comunidade através da presença significativa nesses eventos, que já foram tradição no Salitre, mas vinham se perdendo, e hoje precisou ser retomado pela juventude. Falando em evento, o Carrapicho Virtual foi o único veículo de comunicação a fazer uma cobertura completa da I Feira da Agricultura Familiar e de Caprinos e Ovinos do Vale do Salitre, evento de

grande porte realizado pelas comunidades e pela prefeitura. O grupo também assumiu um estande e apresentou a experiência do coletivo para as/os visitantes da feira. Essa participação ajudou o coletivo a ter maior reconhecimento da comunidade e estimular mais responsabilidade por parte dos/das membros/as do grupo.

A contribuição do Carrapicho foi tamanha que na segunda edição da feira, o coletivo, além de produzir conteúdo, também apareceu como um dos apoiadores do evento. Durante a feira, promoveu a I Mostra de Audiovisual do Vale do Salitre, apre-

sentando vídeos produzidos durante a execução do projeto “Carrapicho: educomunicação e ecoturismo com jovens do Vale do Salitre”, financiado novamente pela Brazil Foundation. Um dos objetivos do projeto era despertar na juventude o olhar para o turismo pedagógico como uma alternativa de geração de renda. Além da Brazil Foundation, o coletivo conta com a parceria do Irapa em diversos momentos, uma delas foi na indicação da turma para integrar o projeto piloto Jovens Comunicadores, ligado ao Pró-Semiárido, projeto do Governo da Bahia.

Manuela Ferreira, educadora, lembra de algumas conquistas alcançadas nesses três anos de existência do Carrapicho Virtual: “Recentemente o Carrapicho Virtual foi para o Maranhão receber um prêmio de segundo lugar, de um projeto com a questão da democratização da comunicação. Também foi convidado para fazer intercâmbio com jovens de todo Semiárido, já foi convidado pela Articulação Semiárido Brasileiro – ASA – para ir para Salvador, já foi para Minas Gerais”.

Esse Carrapicho tem andado, mas não foi só isso. Já participou de mesa de debate no XX Intercom Nordeste, que aconteceu na Universidade do Es-



tado da Bahia, em Juazeiro, evento considerado o maior congresso brasileiro de comunicação. Esse ano, o Coletivo foi tema de documentário produzido pela jornalista Anette Bento, produção patrocinada e veiculada pelo Canal Futura e foi também objeto de estudo da dissertação de mestrado de Érica Daiane, contando até com avaliação de um dos maiores pesquisadores em educomunicação no Brasil, o professor Ismar de Oliveira Soares.

Outra conquista importante, na opinião de Manuela, é a conscientização e valorização cultural do lugar: “A gente tá sempre trabalhando a questão do êxodo rural, da valorização da Caatinga; saber que a gente é do Semiárido e levanta a nossa bandeira para quebrar alguns estereótipos”. O acesso desses/as jovens ao ensino superior também é um reflexo do seu envolvimento com o Carrapicho Virtual. “Eu quero fazer faculdade de Jornalismo, quero contribuir com minha comunidade”, afirma Roseane, que deseja seguir os passos de Érica Daiane.

O Carrapicho ainda não possui uma sede. Os membros se reúnem nas associações, escolas, embaixo de árvores. Como você pôde apreciar, muitas foram as conquistas, mas há também grandes desafios para manter a efervescência dessa juven-

tude no tocante à educomunicação.

O acesso à internet de qualidade, a necessidade de agregar novos jovens ao projeto, a geração de renda para juventude são alguns desses desafios, mas acreditamos que a construção de políticas públicas que dialoguem com sua realidade no Semiárido, junto com a determinação e sonhos desses jovens, causa grande revolução na juventude do campo. Finalizamos essa nossa segunda parada da viagem com a frase “Juventude é Revolução”, como externou a educadora Manuela Ferreira.

Aproveitamos para pedir que se preparem, pois nossa próxima parada é cheia de sons, batuques e brincadeiras bem às margens do Opara.

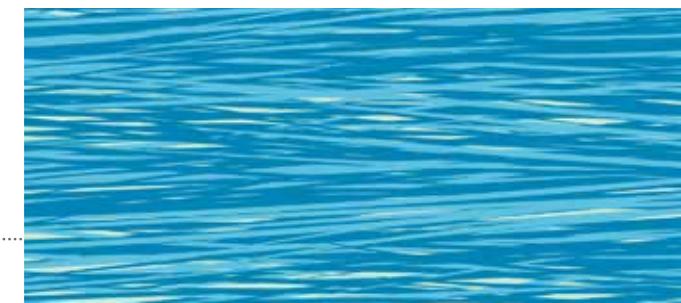


## UM BERÇO DE ARTE E CULTURA POPULAR NA BEIRA DO VELHO CHICO

### **Galeota Brincantes**



A gente agora percorre pouco mais de 150 km, do Vale do Salitre até Curaçá - BA para conhecer um pouco a experiência de arte, educação e cultura popular dos Brincantes.



Bom, em Curaçá, o carrinho de mão usado para diversas atividades é conhecido como galeota, uma palavra que em outros lugares dá nome a um tipo de embarcação. E foi Galeota das Artes o nome escolhido para um grupo cultural criado em 2013 por dois arte-educadores envolvidos com a valorização da cultura popular local. Agora você, leitor/a, vai conhecer um pouco um dos

frutos da Galeota: as/os Brincantes.

Os/as Brincantes surgiram a partir da observação de membros da Galeota que, ao animarem a população de bairros de Curaçá com teatro, brincadeiras de roda, cinema e shows; perceberam o entusiasmo das crianças, que não só assistiam a tudo atentamente, mas cantavam e dançavam.



E foi na Rua de Baixo, uma das ruas que fica já na beira do Rio São Francisco, na cidade de Curaçá, que a Galeota resolveu reunir, em 2014, uma média de 20 crianças e adolescentes para dar vida a

algumas manifestações populares de Curaçá que já vinham sendo esquecidas, a exemplo do Reisado. De lá pra cá, as saias de chitas das meninas e os instrumentos, em sua maioria feitos de mate-

riais reciclados, foram chamando a atenção das/dos pequenas/os e também atraindo a atenção e o apoio das/dos adultas/os.

E não há quem não se anime quando essa turminha se apresenta, seja nas ruas de Curaçá no mês de janeiro cantando e dançando o Reisado ou quando o grupo é convidado a abrilhantar algum evento no município ou em outro local.

E quem não quer ser reconhecido como o dançador do boi ou da burrinha, como é o caso do menino Pedro Henrique, que se especializou nessa atividade? Tem ainda aqueles e aquelas que se dedicam à percussão e fazem questão de falar dessa função no grupo. O sorriso se delineia no rosto da garotada quando contam os lugares que já conheceram indo atender a convites para os Brincantes da Rua de Baixo se apresentarem.

Com apoio de mães, pais, avós, tias, o grupo viaja e quando chega nos palcos a briga é grande pra ver quem fica na frente, como relatam os criadores da Galeota.

Mas não é que os Brincantes RDB, como vinham sendo conhecidos, passaram a contar com crianças e adolescentes de outros bairros da cidade? A turminha do Bairro Mãe Sérgia (residencial do





programa Minha Casa Minha Vida) se juntou aos membros do grupo, então agora os Brincantes não são mais apenas RDB (Rua de Baixo) e por isso chegou-se a um consenso de que o grupo se chamaria “Galeota Brincantes”, já que é uma iniciativa da Galeota das Artes.

As/os Brincantes podem ser acolhidas/os desde os primeiros anos de idade, mas à medida que vão crescendo, um critério obrigatório garante sua participação: frequentar a escola e ser um/uma bom/boa estudante. Para os familiares das crianças, a participação no grupo é um importante incentivo para que na escola o resultado também seja positivo. Uma das integrantes revela que o grupo contribui para “tirar as crianças da rua” e fala também da satisfação de participar de eventos fora, conhecer outros lugares.

Os bairros de Curaçá não possuem praças e isso deixa um vazio que pode ser preenchido com os ensaios do grupo no espaço cedido por um morador da cidade para ser a sede da Galeota Brincantes. Com características de um ateliê, a sede, localizada na Rua de Baixo, é utilizada também para produzir quadros, artesanato de material reciclado, instrumentos musicais, cenários para espetáculos, etc.

A Galeota das Artes não dispõe de personalidade

jurídica, ela foi fundada por Fernando Antônio Ferreira (Fernandinho) e Wilson Sena, que ainda permanecem no grupo, que hoje envolve dez componentes, a maioria jovens empenhados/as em ocupar funções no grupo e manter um trabalho cultural no município, arrecadando inclusive recursos para ajudar na manutenção da Galeota Brincantes. Os fundadores contam que uma das motivações para criação da Galeota foi a Companhia Curaçálica de Artes Livres, que apresentava espetáculos nas comunidades entre os anos de 1999 a 2013.

Nesse intervalo, a prefeitura de Curaçá lançou também a Caravana da Cultura, contemplando os bairros e área rural do município, ação que também motivou a criação da Galeota. Uma das ideias iniciais do grupo foi a criação de células culturais na cidade, porém por não contar com maiores apoios, originou-se o trabalho apenas com as crianças da Rua de Baixo. A iniciativa conta com apoio da Rádio Comunitária Curaçá FM, da paróquia local e da prefeitura. Hoje a Galeota realiza shows e aluga equipamentos adquiridos ao longo desses anos e parte do recurso é revertido para a manutenção da sede e assim viabilizar a experiência dos/das Brincantes.

A atividade principal da Galeota Brincantes tem

sido a valorização do Reisado, uma manifestação popular que envolve música, dança, misturando elementos de expressões como ciranda, pau de fita, dança do boi e da burrinha, além da percussão. O Reisado sempre foi uma tradição em Curaçá, conforme relataram as/os curaçaenses. Há também o Pastoril na noite de natal e a Marujada todo dia 31 de dezembro; que se assemelham entre si, embora cada uma com suas particularidades.

Porém, de uns anos para cá, na área urbana dos municípios, os grupos de Reisado praticamente não existem. Assim, as/os Brincantes têm ganhado a atenção das famílias, especialmente no mês de janeiro, quando saem nas ruas visitando as casas em média uma vez por semana. A cada saída, o Reisado visita entre três e quatro casas, das 18h às 21h. Cada família que recebe o grupo serve também um lanche, momento que as crianças não esquecem de relatar com muitos risos. No encerramento do mês tem sido realizado encontro com outros grupos, especialmente do interior do município.

Para Fernandinho e Wilson Sena, a cultura popular encara o desafio de concorrer com a chamada cultura de massa, que hoje leva a maior parte da população a consumir produtos culturais mais dis-

tantes do que surge espontaneamente do meio do povo, sem fins lucrativos. Falando nisso, outro desafio é a captação de recursos para manutenção do grupo, que vem sendo feito com o acesso a editais públicos e com o percentual de doação do grupo Galeota das Artes, além dos apoios institucionais, especialmente quando se trata da apresentação do grupo em outros municípios.

As/os Brincantes têm hoje uma média de 60 participantes. Há jovens que estão ali desde o início, mas há também aqueles e aquelas que já passaram a ocupar outros espaços no município, a exemplo das fanfarras e das quadrilhas juninas, expressões

culturais também bastante fortes em Curaçá. A Galeota Brincantes é formada por maioria de meninas, que, junto com os meninos, se lançam no Reisado e, mais recentemente, na dança afro, modalidade que apresentam com satisfação e orgulho.

O mais novo desafio que o grupo passa a enfrentar é a produção de hortaliças e plantas ornamentais, além dos planos de intensificar o trabalho com reciclagem, valorizando ainda mais aspectos da educação ambiental, alimentação saudável e assim contribuindo com o fortalecimento das experiências não-formais de educação contextuali-

zada para a Convivência com o Semiárido. Falando nisso, a escola formal, por sua vez, reconhece o trabalho desenvolvido hoje pela Galeota na formação humana das crianças e adolescentes Brincantes. Os fundadores nos contam que é comum serem chamados às escolas para acompanhar o comportamento de integrantes da Galeota Brincantes, assim como estes/as costumam considerar os conselhos e recomendações de membros da Galeota das Artes no sentido de melhorar o comportamento em casa ou na escola.

Este trabalho já rendeu à Galeota das Artes uma moção honrosa aprovada pela Câmara Legislativa de município, bem como o reconhecimento público por parte do Conselho Tutelar. É consenso que se trata de um trabalho social que envolve arte, educação, cultura, valorização da identidade e fortalecimento do pertencimento à Curaçá que, em tupi-guarani, significa Paus Trançados.

E para saber mais sobre a Galeota Brincantes, é só acompanhar as redes da Galeota das Artes na internet. O grupo possui página no Facebook, um canal no Youtube e um perfil no aplicativo Instagram. Além disso, você pode se deparar por aí a qualquer momento com as meninas e meninos de Curaçá dançando Reisado em um evento ou pode

se programar para ir ao município durante o mês de janeiro e acompanhá-los nas noites animadas por essa tradição.

O Reisado é uma das manifestações culturais oriundas do povo negro, que, apesar da situação histórica de escravizados, sempre resistiu e manteve viva suas raízes culturais, mesclando a essência africana com a dos povos originários que habitaram o sertão banhado pelo Rio Opara, que há séculos mata a sede do povo ribeirinho.

E se você ainda tem sede de informação sobre essas experiências tão ricas em nossa região, siga navegando com a gente, agora rio acima, para saber que tem mais jovens envolvidos/as com a cultura popular em nossa região, usando a arte e a educação para formar pessoas e assim contribuir com um mundo mais colorido, onde a criatividade nos permite viajar das mais variadas formas.





## COM VOCÊS, UM NOVO ATO DE CONTAR HISTÓRIAS **Trupe Novo Ato**



*Estou chegando minha gente  
Pra falar para a maioria  
Um pouco dessa cidade que é cheia de energia!  
Que tem um passado de glória e um futuro de alegria  
Juazeiro é o nome dela e falo com muito prazer  
Onde tem gente lutadora, que faz por merecer  
Aqui tem muito artista, cheios de riquezas  
Artesanato, agricultura, tudo vem da natureza!  
E através da mão do homem, tudo se transforma em beleza  
Com vocês a Trupe Novo Ato”  
- Eduardo Almeida*

Contar histórias para cativar crianças e adolescentes e levá-los ao mundo dos livros foi o caminho encontrado por Willian Fernando Silva, um professor de Língua Portuguesa, Literatura e Artes que viu na contação de histórias uma saída para melhorar a leitura dos/das estudantes do colégio estadual Jutahy Magalhães. “Não só incentivar a leitura com histórias clássicas, como as de Chapeuzinho Vermelho ou Cinderela, mas através do nosso território, do nosso lugar, contar história daqui, trabalhar a educação a partir do lúdico pedagógico”, explica Willian.

Em 2012, nasce o grupo de contadores e contadoras de história Trupe Novo Ato, formado pelos/as estudantes do Colégio Estadual Jutahy Magalhães. O grupo cria novas formas de contar as lendas do Rio São Francisco e belezas do Vale do São Francisco através da arte, da leitura, da oralidade, da música, da percussão corporal, da dança, do cordel, do teatro, buscando fortalecer e valorizar a cultura local e trabalhar o sentimento de pertencimento dessas crianças e adolescentes e de quem assiste à história contada pelo grupo. “É um grupo com significado. Não é contar a história pela história, mas uma história que fala do lugar, identificação do território, da identidade”, defende Willian.

A primeira apresentação aconteceu no colégio Jutahy Magalhães e logo depois o grupo extrapolou os muros da escola e começou a levar cores, alegria, fantasia para outras escolas e espaços culturais das cidades de Juazeiro e Petrolina - PE e tudo de forma voluntária. Com o grande envolvimento dos/das estudantes, Willian começou a montar turmas para realizar oficinas de contação de histórias. “O mais interessante é que a gente contava histórias, lendas, não somente no aniversário da cidade, no dia da água, do rio (...), a gente começou a falar isso o ano todo”, relata. O diretor da Trupe acredita que essa atitude fez o grupo se tornar uma referência na arte de contar história.

É, amigo/a... a propósito, depois de tanta viagem, já posso chamar você de amigo/a, né? Imagine aí, o pátio da escola cheio de crianças conversando, brincando, aquela zuada e, de repente, o silêncio paira no ar... um grupo de adolescente surge com um sorriso no rosto, roupas coloridas, alegres e começa soltar os primeiros versos e, com gestos, movimentos, música, prende o olhar atento e curioso das crianças e, com essa energia, envolve e interage com a plateia. “É arte, é cultura, é criança crescendo sadia. É boca sorrindo a viver, morder a vida sem tirar pedaço, com os pés firmados, a sustentar o chão”, definem os versos que fazem parte de



uma das apresentações da Trupe.

No ano de 2015, jovens de outras escolas da cidade de Juazeiro também puderam fazer parte da Trupe Novo Ato: “Quando eu saí do Jutahy, vi que tinham outras possibilidades de oficinas, então abriram (vagas) e outras pessoas puderam participar”, explica Willian. Os/as jovens que já faziam parte da Trupe convidaram outras/os para parti-

ciparem do grupo e assim surge a rede de narradores orais. “A rede é para propagar a arte de contar histórias, vamos potencializar ainda mais”, pontua Willian.

Um dos fatores importantes para ser membro da Trupe é a voz. “As histórias oscilam muito, depende muito da voz, não tanto da expressão. A ex-



pressão a gente coloca a performance”, relata o diretor. Mas para quem demonstra interesse e não tem uma boa dicção, uma entonação na voz, a Trupe trabalha com jogos teatrais, jogos de preparação. Ah, a Trupe lembra que quem deseja ser contador e contadora precisa ler muito texto e trabalhar bem a interpretação, pois as histórias serão contadas e recontadas, tudo de forma muito espontânea e única.

O jovem contador de história Eduardo de Almeida argumenta que o processo formativo possibilita a transformação do adolescente. “Todo mundo que passa por aqui muda, deixa de ser tímido (...). Hoje na Trupe Novo Ato tem os blogueiros do Vale”, revela, evidenciando o quanto algumas pessoas evoluíram conseguindo vencer a timidez. Eduardo explica que, nas formações, os contadores e contadoras aprendem a estudar, memorizar e saber o que está falando. “Muita gente pensa que é só decorar o texto, mas é diferente, você tem que entender o que vai passar para o público”, detalha Eduardo.

A Trupe defende que seu trabalho é de contadores e contadoras de história e não apresentação teatral. “Eu briguei muito quando o povo

falava que era teatro. Se eu estou dizendo que é contação de história, se eu acredito que é contação de história, eu vou até o fim com a contação de história (...). Pode ser teatro? Pode ser teatro. Mas a gente acredita muito na contação de história, porque se for pelo contexto histórico dos griôs, das antigas civilizações, eles tinham esse ritual de preservar a história do local ali. A contação da história era pela oralidade, de boca em boca”, defende Willian.

A forma como o diretor avalia essa diferença é reforçada por Eduardo. Segundo o jovem, “no teatro eu sou um personagem, eu ganho um personagem, mas na contação de história, eu sou o Eduardo, o contador de história, eu não mudo, eu sou eu mais o contador de história”.

Outro diferencial entre o teatro e a contação de história é o cenário. “Nosso espetáculo não tem um cenário na parede, um cenário montado. Nosso figurino é que tá levando o cenário para contar a história”, explica o contador de história Mateus Rodrigues. A criação do figurino é feita por Willian, com rede, cortina, retalho de panos, entre outros materiais.



Hoje, com uma trajetória de sete anos, a Trupe tem um repertório de mais de trinta apresentações, com contos, cordéis, lendas e histórias com recorte para Convivência com o Semiárido, trazendo para a arte de contar história um Semiárido diverso, cheio de cores e vida. “O Semiárido é beleza, é riqueza, é dignidade. É orgulho, é superação, um mundo de sentidos em contextualização”, diz um trecho de um texto apresentado pela Trupe. Com alegria e orgulho, semelhante a de um/uma professor/a que vê a/o estudante entender a história, a Trupe relata a experiência de narrar a cartilha Terra pra Viver, produzida pelo Irpaa, que traz uma outra visão da colonização do Brasil a partir do olhar de uma criança indígena, a personagem principal da publicação.

Questionado sobre qual é a maior conquista da Trupe, Eduardo Almeida é rápido e firme em responder: “É a gente formar outras pessoas, a gente foi formado e agora consegue influenciar outras pessoas. A gente poderia tá influenciando em outras coisas, mas a gente preferiu influenciar na contação de história, era o que tava faltando nas escolas”. O grupo já realizou processos de formação com mais de 250 crianças e adolescentes de bairros periféricos de Juazeiro. “O bom é que é de jovem para jovem”, destaca Willian.

Nessa arte de contar histórias, o jovem Mateus Rodrigues, que entrou na Trupe através do convite da irmã, com 14 anos, em 2014, diz que o bom é fazer o que gosta. “Apesar de eu ter a agenda cheia, ter muito trabalho para realizar, quando tem uma apresentação eu faço de tudo pra tá ali no meio, pois realmente é o que eu gosto, foi o que me levou a tá no meio artístico, de dança, de tá falando, de argumentar”. Hoje, Mateus trabalha com dança e reconhece que isso é resultado da Trupe.

Já Ellen de Oliveira foi convidada por Willian para participar do grupo e há dois anos vivencia a arte de contar histórias. Para a jovem, a Trupe é um espaço que possibilita o encontro com seu ser mais profundo. “A contação de história é o sonhar, é o imaginar, porque vai muito da imaginação de você contar uma história, de você ver o brilho no olhar do público, então isso é muito gratificante (...), é muito boa a sensação de tá fazendo isso, a gente gosta e percebe que as pessoas também gostam do que a gente faz”, fala a menina de sorriso tímido e de um brilho no olhar que aquece o coração.

Com orgulho, Eduardo já emenda a fala de Ellen: “Onde a gente passa é conhecido como os meninos da Trupe”. O contador de histórias come-

çou com 13 anos, na segunda turma de formação do grupo. Willian recorda que ele acompanhava o grupo desde a primeira turma, todo encantado com as apresentações. Para o jovem, a Trupe significa “esperança em um mundo melhor. Quando a gente tá apresentando, a gente vê o brilho nos olhos não só das crianças, mas dos professores também, do professor que tá cansado da semana toda, reclamando. Ele relaxa quando estamos contando a história. Então, no fundo, no fundo, ainda há esperança de que a história pode mudar qualquer pessoa”, acredita.

Com esses relatos lindos, você ficou curiosa/o para saber como chegam os convites para a Trupe se apresentar, né? Você acredita que a cada apresentação um novo convite é feito? Pois é! E assim, o grupo já foi para Curaçá, Uauá, Sobradinho e outras cidades do Território Sertão de São Francisco. Nas redes sociais é seguido por pessoas de outros estados. Falando nisso, corre lá para seguir o grupo no Facebook e Instagram. Basta pesquisar Trupe Novo Ato – Contadores de Histórias. Vai lá rapidinho e volte para continuarmos nossa viagem.

Mas onde essa turma ensaia? O grupo ainda não tem um espaço físico. Hoje, isso acontece no Colégio Democrático Estadual Prof.<sup>a</sup> Florentina Alves

dos Santos – Codefas. O desejo do grupo é conquistar uma sala no espaço Estação do Saber, que está sendo construído pela prefeitura municipal de Juazeiro. “Ia ser o auge, o potencial da leitura ia ser dentro da cidade, não apenas na escola, mas a cidade teria uma formação de leitura contínua”, sonha Willian.

Um dos grandes desafios do grupo é manter o fluxo de contadores e contadoras de histórias. Muitos adolescentes e jovens terminam os estudos e vão trilhar outros caminhos, pois precisam de renda para viver e a Trupe não cobra cachê para realizar as apresentações, no máximo uma contribuição simbólica, em algumas situações, valor que não garante renda para as/os integrantes. “Hoje ainda não identifico a Trupe como um trabalho, ainda não chegou esse momento (...). É tão natural quanto a luz do dia (...), não olhamos como um dever, é natural”, explica Willian, que reflete um pouco e diz sobre a possibilidade de cobrar cachê e continua: “quem sabe um dia”.

Mesmo com as dificuldades, a Trupe Novo Ato continua contando as histórias do seu povo, da sua cultura, as lendas da sua região, apresentando as danças típicas e falando do Semiárido poético e rico, ajudando a contrapor a imagem divulgada na grande mídia.



Aqui finalizamos mais um trecho da nossa viagem e já convido você a atravessar a ponte Presidente Dutra, que liga Juazeiro a Petrolina. Se quiser pode parar na Ilha do Fogo – que fica entre as duas cidades – para mergulhar nas águas do Velho Chico e só depois seguir viagem. A turma do #SouPeriferia nos espera ali, em Petrolina, Pernambuco.



## COMUNICANDO TAMBÉM NA PERIFERIA **#SouPeriferia**



Chegamos nas periferias das zonas norte e oeste de Petrolina. Você já parou para pensar nas diversas histórias incríveis que existem nas periferias? Essas histórias não costumam aparecer nos ditos grandes veículos de comunicação e para contrapor essa realidade, em 2018 nasce o projeto #SouPe-

riferia, com intuito de formar uma rede de comunicadoras e comunicadores populares feita por e para a periferia.

“A gente sentia que os blogs e os meios de comunicação da cidade se voltavam muito para o centro, enquanto as grandes atrações e as periferias ficavam meio só como local de denúncia, pra apresentação de questões de cunho político: “ah, tal rua tá precisando disso”, e não falavam da periferia em sua essência”, explica Fernando Pereira, um dos sete idealizadores/as do projeto #SouPeriferia. O primeiro passo para formar a rede de comunicadores e comunicadoras populares foi trabalhar a formação de 25 jovens das zonas norte e oeste de Petrolina, no campo da comunicação popular, associada aos direitos humanos.

Para fomentar essa ação de formação, foi criada uma vaquinha online na plataforma de crowdfunding Benfeitoria, com a meta de arrecadar R\$ 10 mil. O valor arrecado proporcionou a realização de 20 encontros para contribuir na formação da galera, visando a criação e difusão de conteúdos e meios de comunicação popular e teatro para fortalecer as identidades das referidas periferias da cidade.

A formação acontecia de forma itinerante entre es-

sas regiões da cidade, durante os sábados, com a colaboração de mediadores de diversas áreas e de forma voluntária. A verba arrecadada foi utilizada na aquisição de materiais didáticos, alimentação, transporte e remuneração de um coordenador pedagógico e um coordenador de logística.

Um dos cuidados do #SouPeriferia era trabalhar com formadores/as que representassem esses jovens. “Pensamos em comunicadores que fossem negros, comunicadores LGBT, que participassem das questões políticas da cidade, que visassem as periferias e não somente os centros; então teve todo um pensamento sobre quem seria a frente dessas formações”, argumenta Fernando.

A primeira temática da formação foi pensada para compreender a periferia. “A gente começou a estudar o que a gente vive na periferia, aí fomos tirando muitas desconstruções dentro da gente mesmo, sabe? Foi percebendo umas construções que a sociedade tinha feito da gente e que a gente reverbera também esse pensamento, de que a periferia é só lugar ruim, onde a única coisa que tem é buraco, lama e esgoto”, lembra lalli Emanuele Faria.

Ela reconhece que a periferia é carente de políticas públicas, mas “a periferia não é só isso, a gente se diverte também”. A jovem complementa: “A





gente poderia começar a pensar em como comunicar esses eventos, para a periferia entender que tem coisas artísticas e crescer”, destaca a comunicadora popular.

Fernando complementa que esse módulo tinha a proposta de “compreender que a periferia é um conjunto de complexidades e especificidades, que a periferia nem é só o lado que é apresentado em sua maioria marginalizado, mas ela também não é romantizada”.

Durante o processo formativo, a turma construiu diversos conteúdos que representam a periferia, em texto, vídeos e fotografias, retratando as lutas, a arte e demais acontecimentos das comunidades periféricas com olhar crítico e emancipatório. Outras pautas importantes, defendidas e presentes nos conteúdos elaborados pelo #SouPeriferia, são questões ligadas aos povos negros e da comunidade LGBT.

E você pode conferir tudo nos canais de comunicação da rede, Facebook e Instagram, você já sabe; é só pesquisar #SouPeriferia, curtir e compartilhar as publicações. Além desses espaços, o conteúdo também é divulgado no site Ponto Crítico e da Central Popular de Comunicação – CPC, parceiros do projeto.



Aproveitamos para explicar o nome do grupo, que usa o símbolo da cerquilha (#), uma hashtag na linguagem do mundo virtual, na internet. Quando a palavra é publicada com o símbolo, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema. “O uso da hashtag diz respeito tanto ao entendimento de que assumir o local da periferia na comunicação é uma ‘chave’ para pensar e fazer convergir novos projetos de sociedade, mais igualitário, democrá-

tico e descentralizado; quanto denota também o caráter dinâmico da comunicação pretendida pela formação da rede de comunicadores”, justifica Cris Crispim, uma das idealizadoras do projeto.

A jovem destaca que a rede reúne instituições e indivíduos do mundo real, mas que também quer ser referência no mundo virtual, um espaço cada dia mais acessado na e pela periferia. “A rede também se faz e se quer fazer no ambiente virtual, agregando mais atores e provocando uma interação maior

com a marca e seus valores”, reafirma Cris.

O projeto #SouPeriferia encerrou o ciclo das formações em junho de 2019, mas continua sua caminhada enquanto núcleo de rede de comunicadoras e comunicadores, com a atuação de 16 jovens. Lembrando que as formações foram concluídas, mas a galera segue com a formação continuada e quem quiser contribuir, o pessoal destaca que está aberto para construir parcerias.

Com uma gestão democrática e participativa, o coletivo se organiza a partir de duas pessoas na coordenação geral, uma coordenação horizontal e em cada zona periférica tem um/a coordenador/a, tendo também como espaço de diálogo o grupo no WhatsApp. “A comunicação é ativa no WhatsApp, não há um dia que não existe um diálogo lá e as conversas são voltadas para as questões comunicativas. O grupo respeita esse espaço como um ambiente de diálogo e troca, e está sempre se articulando ali”, explica Fernando.

Fernando compartilha que embarcou nessa proposta da rede de comunicadoras e comunicadores #SouPeriferia por acreditar na comunicação como uma ferramenta fundamental para o exercício de uma democracia justa, uma democracia de fato pelo seu nome. “Entrei nesse projeto para

agregar minha compreensão de vídeo, como eu poderia mediá-la para esse jovem e como esse jovem poderia utilizar essa ferramenta pra se comunicar e apresentar a periferia”, explica.

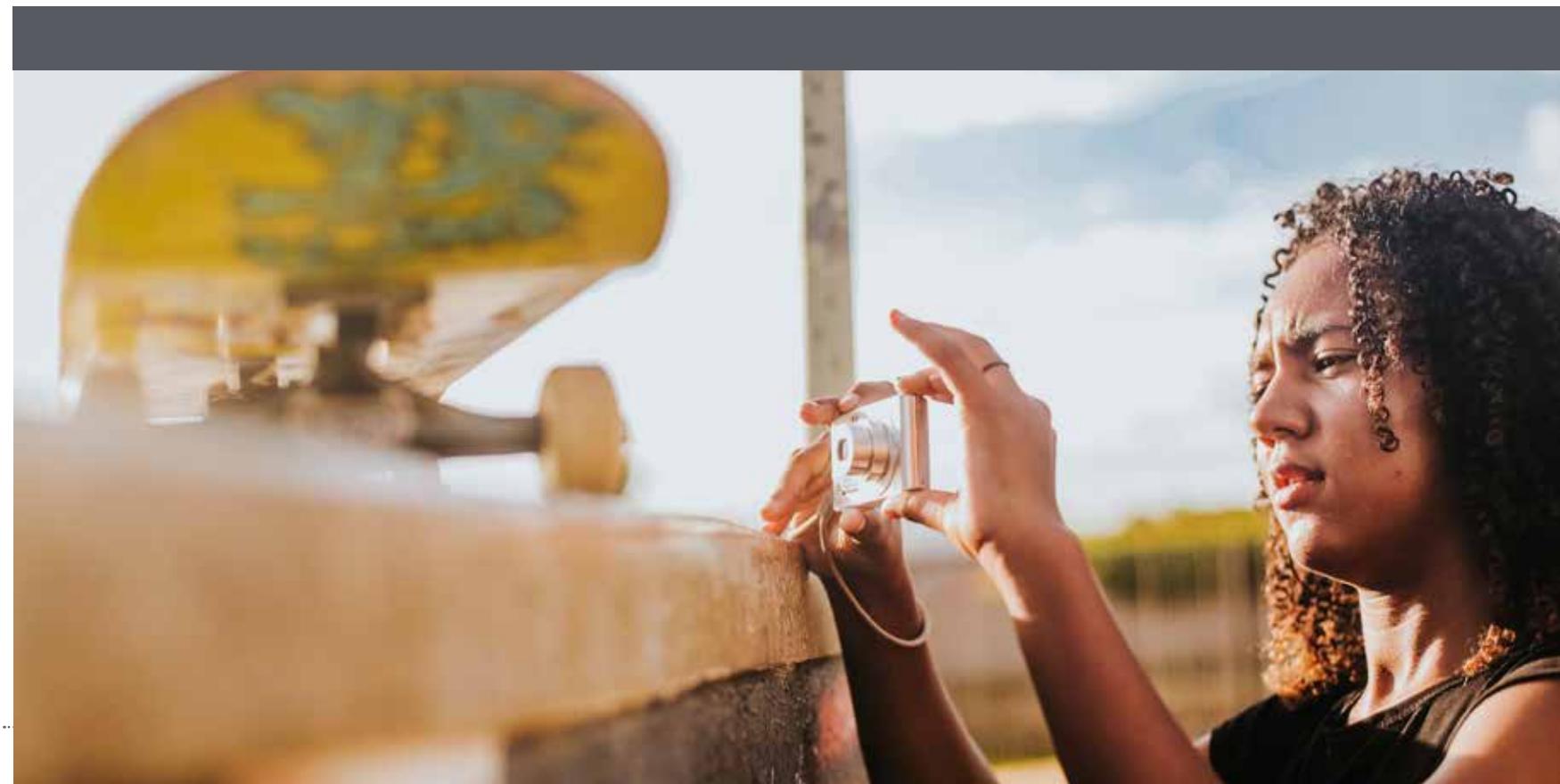
O processo comunicativo atraiu a jovem Ialli Emanuele a participar do projeto, porém ela confessa que no início não achava que o projeto teria essa dimensão que tem hoje. “Eu achei que seria só uma parada de fazer produção, saber o que você quer fazer diante da comunicação. Aí quando deu a ideia de gerar essa rede, foi muito massa, porque a gente ficou... “nossa, gente! A gente vai fazer uma parada legal da periferia para a periferia. Então vamos embarcar nessa””, comenta a jovem, animada com a atuação da rede nesse um ano de caminhada.

“Hoje o #SouPeriferia representa muita resistência, muita sabedoria, porque a gente começa a entender a vivência da periferia, a gente começa a se colocar no lugar dela (...), você vê que é muito bonito, porque é muita história bonita. Tem história trágica, porque a periferia é trágica, mas é muito bonito porque ela floresce, e é isso que me deixa mais encantada”, declara a jovem comunicadora, demonstrando seu orgulho e satisfação de fazer parte do #SouPeriferia.

Nessa trajetória do #SouPeriferia, o reconhecimento das pessoas, a ocupação de espaços enquanto rede de comunicadores/as populares, são os grandes avanços do projeto, ao mesmo tempo que enfrenta o desafio de garantir manutenção e a renovação da rede. A falta de políticas públicas que dialoguem com essa iniciativa é uma barreira. “A gente vê que tanto Petrolina quanto Juazeiro já desenvolvem rádios comunitárias, jornais comunitários, formas de comunicação populares

(...), elas não recebem o mínimo de atenção das gestões públicas, independente de qual gestão seja”, afirma Fernando.

Você acha que o #SouPeriferia fica parado diante desses desafios? Nem pense! A galera já está construindo estratégias para superar esses obstáculos, uma delas é que os atuais comunicadores e comunicadoras possam multiplicar seus conhecimentos, mediando formações para outros/as jovens e assim ampliando o número de



comunicadores e comunicadoras populares nas zonas periféricas.

A ideia é que com o tempo o #SouPeriferia seja expandido por toda cidade de Petrolina. Outra proposta é a realização de oficinas de captação de recurso, para a turma poder acessar editais. A rede também tem como ação para o próximo ano a produção de videodocumentários e podcast, para fortalecer o pilar da comunicação popular feita pela e para periferia.

O sonho a longo prazo é que o #SouPeriferia conquiste um espaço físico para desenvolver o trabalho do grupo e também sirva para atender a outras necessidades das comunidades. Atualmente a reunião do grupo acontece na Associação da Mulheres Rendeiras do bairro José Maria, em Petrolina, uma das parceiras da rede. "Seria interessante que a própria rede de comunicadores tivesse seu espaço, seria muito bom (...), um local onde vários comunicadores populares tivessem um espaço para encontros", argumenta Fernando.

Com esta experiência chegamos ao fim da nossa viagem. Depois de navegar e caminhar nas histórias da rede Jovens da Caatinga, do Carrapicho Virtual, da Galeota Brincantes, da Trupe Novo Ato e do #SouPeriferia, reafirmamos

nossa crença na juventude como agente e na educomunicação como estratégia de transformação. A comunicação e a educação podem e devem ser usadas para promover os direitos humanos, a identidade, emancipação, diversidade e resistência do seu povo.



## CHEGAMOS!



Já chegamos ao fim de nossa viagem, ou pelo menos desse trecho. Rápido, não foi? A educomunicação é mesmo assim: faz o tempo voar, mexe com a alma, arrepiá, faz o coração pulsar mais forte... É paixão! A "educom", como carinhosamente a chamamos, desperta as pessoas, como fez com a turma do Carrapicho e da rede Jovens da Caatinga. Também valoriza, como aconteceu com o pessoal do #SouPeriferia e encanta, como foi de-

monstrado nas experiências da Galeota Brincantes e da Trupe Novo Ato.

As experiências inseridas neste balaio são cinco gotas de um imenso rio que tem se formado no Brasil e que fortalece uma bela correnteza de saberes, criticidade, culturas e expressões. Tudo isso é algo que sempre esteve presente junto ao povo brasileiro, mas que nas últimas décadas tem explodido em um colorido de ideias, pertencimen-

to e diversidade que se assemelha à Caatinga em tempo de florada.

É interessante perceber que a juventude está envolvida em todas as experiências relatadas aqui, exercendo o papel de protagonista. A nós, parece que a juventude é como uma semente que foi plantada e está cheia de energia para crescer e ocupar espaço, mas precisa ser nutrida, estimulada, acompanhada da maneira correta. Talvez seja esse o grande trunfo da educomunicação: apostar na juventude, dando vez e voz.

E o Semiárido tem sido um solo fértil para as experiências de educomunicação. Haja balaios para juntar e contar tanta coisa boa! Esperamos dar cada vez mais visibilidade a tais experiências, que por sua vez mostram em suas produções um Semiárido com dificuldades e desafios, mas acima de tudo, um Semiárido viável, rico, feliz, de culturas fortes e paisagem exuberante. Este é o nosso lugar e a educom tem ajudado a mostrar isso para o mundo.

Nosso desejo é que essas sementes se espalhem por aí e se tornem plantas fortes, gerando flor e pólen, para que abelhas curiosas venham se alimentar e assim promover o intercâmbio dos saberes entre os povos. Queremos que a educomuni-

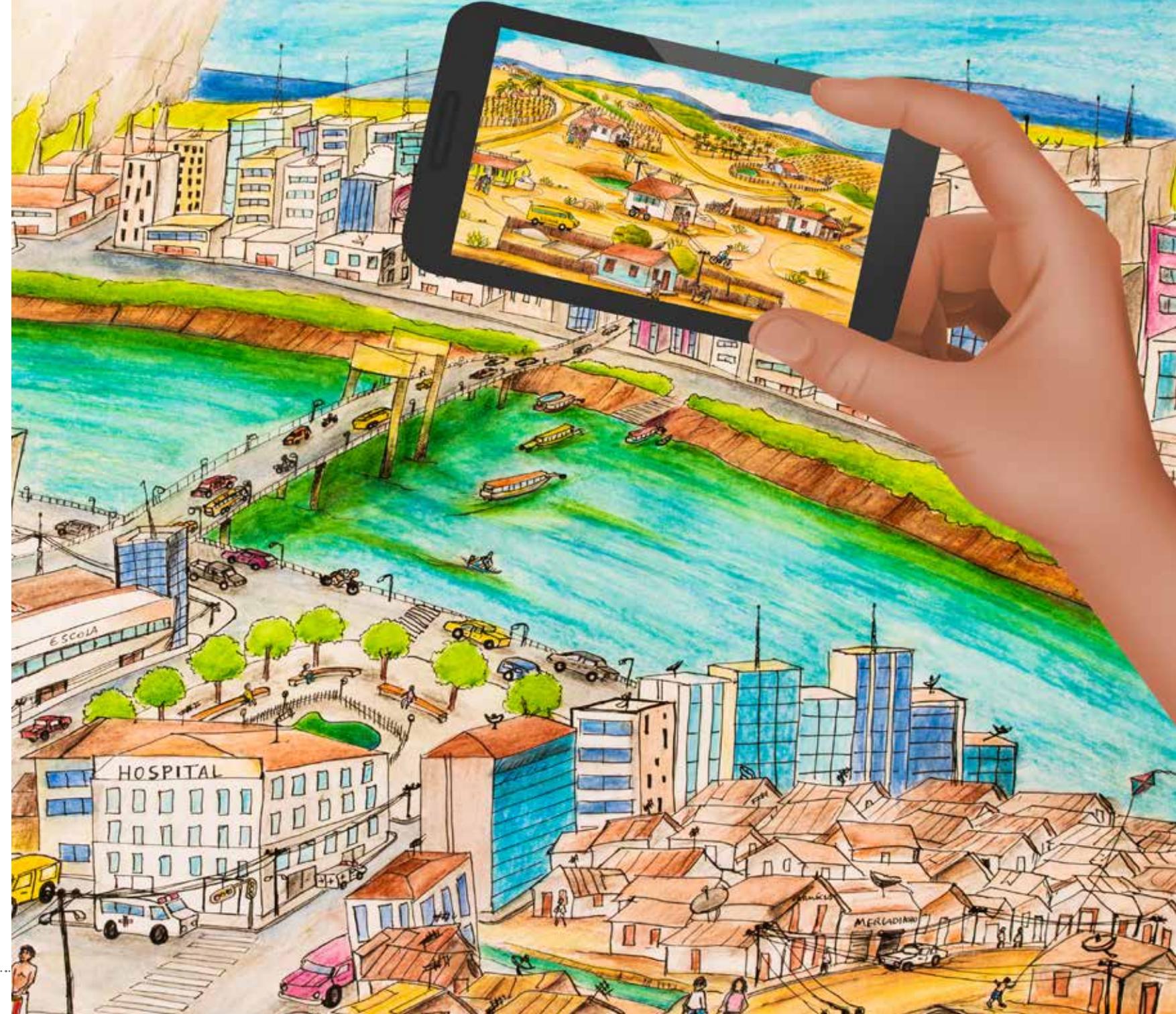
cação contágie, fortaleça as pessoas e as comunidades, seguindo no rumo da garantia do direito à comunicação.

Esperamos ter transmitido para você um tantinho daquilo que tem gerado um brilho especial no nosso olhar. São experiências que estamos presenciando e ajudando a construir e que não temos nenhuma dúvida de que apontem caminhos para a construção de uma sociedade mais justa, solidária.

Quem sabe qualquer dia desses nos encontremos novamente para tomar um café ou um suco de umbu, acompanhado de um bom queijo de cabra, mel ou geleias produzidas nas comunidades recaatingueiras? Quem sabe possamos nos deliciar nesse banquete enquanto saboreamos mais histórias desse povo que faz a vida pulsar no Semiárido?

Agradecemos a sua companhia e esperamos lhe reencontrar em breve.

Inté!



## GLOSSÁRIO

### **Bem Viver**

Oriunda dos povos ameríndios, a experiência do “Bem Viver” vem sendo aprofundada em alguns países da América Latina e aponta para mudanças no estilo de vida dos povos, orientada por um projeto onde a natureza tem papel central e a espiritualidade é também valorizada. Parte da ideia de descolonização, construindo uma nova proposta de modo de vida que discute e aponta formas de viver bem no mundo, do ponto de vista do respeito aos direitos humanos e o direito do meio ambiente existir em sua totalidade.

### **Bem Diverso**

O projeto Bem Diverso visa contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira em paisagens de múltiplos usos, por meio do manejo sustentável da biodiversidade e de sistemas agroflorestais (SAFs), de modo a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e agricultores familiares, gerando renda e melhorando sua qualidade de vida. É fruto da parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com recursos do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF). A execução é feita em parceria com organizações do governo e da sociedade civil.

### **Crowdfunding**

É uma plataforma na internet para realizar campanhas de financiamento colaborativo, uma forma de arrecadação online que vem sendo muito usada, especialmente para projetos sociais. Além do recurso financeiro, viabiliza ainda banco de dados de apoiadores e marketing digital.

### **Fundo de Pasto**

Termo que designa o modo de vida das comunidades tradicionais do sertão da Bahia, onde a caprinovinocultura é a base da economia a partir da criação dos animais em áreas coletivas. As relações de parentesco e compadrio, as manifestações culturais e religiosas também caracterizam esse modo de vida. Assim, o termo não significa apenas a denominação de um espaço geográfico mas sim uma identidade de um povo com seu território simbólico.



*O Bem Diverso é um projeto que visa contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira em paisagens de múltiplos usos por meio do manejo sustentável da sociobiodiversidade e de sistemas agroflorestais (SAFs), de modo a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e agricultores familiares, gerando renda e melhorando a qualidade de vida. É uma iniciativa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com recursos do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF).*

[www.bemdiverso.org.br](http://www.bemdiverso.org.br)



*O IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada é uma Organização Não Governamental sediada em Juazeiro, na Bahia. A Convivência com o Semiárido é a sua maior e mais importante meta. Soluções eficazes, que respeitam as características do povo e das terras desta região, são as alternativas que o instituto oferece através de seus diversos projetos. Essa convivência se dá principalmente a partir do conhecimento e do domínio das técnicas de produção apropriadas para este clima, buscando uma distribuição justa das terras, das águas e políticas públicas que atendam as demandas da região e garantam a permanência do povo na terra prometida - o Semiárido brasileiro.*

[www.irpaa.org](http://www.irpaa.org)

### **Griô**

Conceito que vem da África e nomeia pessoas guardiãs da memória e cultura de um povo através da oralidade, preservando as tradições e os costumes para que atravesse gerações. São contadores e contadoras de histórias, poetas/poetisas populares, historiadores/as que transmitem mitos, canções, sabedoria popular de um povo.

### **Recaatingamento**

Proposta voltada para preservação e conservação ambiental que busca contribuir para inverter a desertificação do bioma Caatinga através do uso sustentável de seus bens naturais, da conservação e recomposição das plantas, da educação ambiental. O termo passou a ser usado pelo Irpaa em 2009 a partir de um projeto que teve atuação direta em sete comunidades de Fundo de

Pasto no Território Sertão do São Francisco, tendo as agricultoras e agricultores como protagonistas das ações. Desde então, a ação de recaatingar vem sendo adotada por outros municípios no estado da Bahia, inclusive pelo governo do estado. É uma intervenção agroecológica baseada nos princípios da Convivência com o Semiárido, valorizando a Caatinga em pé e reconhecendo os povos e comunidades tradicionais como guardiãs do bioma e de sua biodiversidade.

### **Convivência com o Semiárido**

Expressão que tem sido usada nas últimas três décadas para definir uma proposta sociopolítica para a região do Brasil que possui clima semiárido. Parte da compreensão de que para viver bem nesta região é necessário conhecer as características climáticas e dominar as técnicas apropriadas de produção, defendendo a distribuição justa das terras, das águas e políticas públicas que atendam à população de forma universal, garantindo também outros direitos básicos e conhecimento por meio de uma educação contextualizada e uma comunicação democrática.

### **Opara**

Nome que os povos originários davam ao Rio São Francisco antes do colonizador Américo Vespúcio batizá-lo com este nome no dia 04 de outubro de 1501, data em que, na religião católica, celebra-se o dia de São Francisco de Assis.

